

“A joyful noise! - a formação da cultura gospel no Deep South norte-americano”

Júlia Rany Campos Uzun¹

Resumo Esta pesquisa quer analisar o surgimento da cultura gospel na região do Deep South norte-americano nas últimas décadas do século XIX, com o intuito de identificar quais movimentos religiosos foram importantes para seu desenvolvimento. Conceitualizamos cultura gospel como aquela ligada às populações negras protestantes e buscaremos compreender como os elementos da herança africana e as apropriações europeias foram congregados em um novo jogo de forças que ajudou a responder às vicissitudes da população sulista pós-Guerra Civil. Com o auxílio da História Cultural das Religiões, centraremos nossa análise sobre os hinários, buscando desvendar a importância da música como fator impulsionador do crescimento do gospel neste período.

Palavras-chave: Deep South; cultura gospel; música gospel

INTRODUÇÃO

O estabelecimento da ordem escravocrata nos Estados Unidos configurou a sociedade deste país a partir das diferentes condições de sobrevivência que definiram as relações entre negros e brancos. O século XIX viu o alvorecer de uma cultura afro-americana, forjada lentamente desde a chegada dos primeiros escravos às Américas.

A construção das identidades norte-americanas sempre esteve perpassada pelas dinâmicas de delimitação dos espaços étnicos entre brancos e negros, derivada da herança deixada pela segregação presente na ordem escravocrata vigente desde o período colonial. Dentro deste debate, o

¹ Mestra e Doutoranda em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Atualmente, leciona a disciplina História da América III na mesma Universidade, através do Programa de Estágio Docente, e é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: professorajuliahistoria@yahoo.com.br

protestantismo afro-americano é uma temática que tem assumido grande destaque nos estudos culturais, por ter criado um ambiente de legitimação dos discursos de igualdade entre as etnias. É neste contexto que esta pesquisa sugere a análise do surgimento da cultura gospel no sul dos Estados Unidos, com o intuito de identificar quais movimentos religiosos foram relevantes para o desenvolvimento do gospel afro-americano durante o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Nossa análise pretende compreender como os Estados Unidos desenvolveu, na região do Deep South, uma cultura característica que congregou elementos africanos e europeus, forjando a identidade sulista baseada na religião protestante. A ortodoxia protestante das igrejas do sul impôs um tom moralista e conservador desde o século XIX na região, delimitando os espaços étnicos (WILSON in HACKETT, 2003, p.76).

A região do Deep South norte-americano compreende uma categoria de subregiões culturais e geográficas ao sul dos Estados Unidos, que se diferenciaram de outras partes do país por sua dependência dos latifúndios do algodão e da mão-de-obra escravista no período anterior à Guerra Civil. No período que antecedeu aos grandes contingentes imigratórios da primeira metade do século XX, eram povoados principalmente por afro-americanos. Atualmente, compreendem os estados da Louisiana, Geórgia, Mississippi, Alabama, Carolina do Sul, parte do Arkansas e do Tennessee.

Ao problematizar a importância da música para o desenvolvimento da cultura gospel, a pesquisa tenta compreender quais elementos da herança africana e europeia foram congregados para a formação de um novo jogo de forças, auxiliando a desenvolver a identidade norte-americana, a propagar a religião protestante e a transformar a sociedade.

O GOSPEL E A RENOVAÇÃO RELIGIOSA

As igrejas populares do sul (Metodista, Batista e Presbiteriana), por sua vez, começaram a apropriar-se de alguns elementos característicos dos cultos dos africanos que trabalhavam nas lavouras de algodão, como um esforço para cristianizá-los. O uso de instrumentos musicais começou a ser recorrente nos cultos e a combinação entre sons, movimento, emoção e

interação da comunidade como o foco da manifestação da fé tornou-se cada vez mais central.

Esta apropriação gerou, na região do Deep South, o que conhecemos como cultura gospel, a partir da década de 1870. Gospel (que significa “Evangelho”, em inglês) tornou-se, naquele momento, o gênero musical nascido nas comunidades negras protestantes, que se apropriava tanto das letras e ritmos dos *negro spirituals* e quanto das músicas religiosas populares do movimento *revival* (ou reavivamento) do século XIX (CUNHA, 2007, p.27).

Decidimos trabalhar com o conceito de cultura gospel por acreditarmos que este é muito mais do que simplesmente um tipo de música, mas uma parte da cultura negra que ressignifica séculos de tradições africanas. Tal cultura é parte de um legado preservado pelos descendentes dos escravos, mas também penetrou no mundo e nas igrejas brancas e congregações mistas. É, no entanto, um produto unicamente americano, ainda que seja difícil defini-lo. Nosso interesse específico pela música gospel resulta da pluralidade de significados que este tipo de fonte possibilita ao historiador, sendo ao mesmo tempo uma lição de história, um retrato da população e um sermão religioso, nas palavras das historiadoras Rose Blue e Corinne Naden (BLUE e NADEN, 2001, p.09).

Cabe ressaltar que a igreja cristã nos Estados Unidos é a instituição que mais refletiu a segregação nacional: afro-americanos vão a igrejas cuja audiência é predominantemente negra (por não serem bem vindos às comunidades WASP), enquanto brancos frequentam congregações de maioria branca. Essa diferença refletiu-se na música, pois o conceito de música gospel vai denominar a música religiosa afro-americana, enquanto que o termo “música cristã” é utilizado quando se fala de canções religiosas para audiências brancas (CUSIC, 2002, p.21)

A difusão das mensagens evangélicas dá-se de diversas formas, através dos hinários tradicionais do protestantismo, mas principalmente através das gravações das canções, que atualizam as mensagens protestantes, ressignificando dogmas, doutrinas, comportamentos morais e

a relação do homem com sua espiritualidade(KARNAL e SILVA, 2003 v.05, p.12).

A produção de sentidos religiosos ganha corpo a partir do momento em que se utilizam vários meios de comunicação, pois ainda que esteja inscrita em um universo de limitações e reservas, desloca e supera limites dentro da cultura. Entendemos a música gospel como uma criação pertencente a um período específico, regida por um suporte cultural e histórico determinado, que intensificou a experiência do divino e auxiliou a manter a coesão na comunidade religiosa. Como os protestantes não são afeitos às artes visuais, desenvolveram o louvor cristão na forma de canto congregacional – a música aliada à palavra. Como disse Martinho Lutero,

Discordo desses ranzinzas que desprezam a música, porque ela é um dom divino. A música espanta o demônio e alegra as pessoas; elas, assim, esquecem toda a ira, impureza, arrogância e coisas semelhantes. Logo depois da teologia, dou à música o mais alto posto e as maiores honras... A experiência comprova que, depois da Palavra de Deus, apenas a música deve ser exaltada como senhora e preceptora dos sentimentos do coração humano (IDEM, p.14).

A utilização do canto congregacional, com músicas fáceis e refrões que se repetem, possibilitou que fieis analfabetos ou pouco alfabetizados decorassem e compreendessem conceitos religiosos de forma emocional e lúdica, intensificando a participação destes na vida religiosa. Os hinos permitiram a circulação de diferenças dogmáticas, teologias e declarações de fé, reavivando o sentimento religioso (IDEM, p.19).

As canções que os negros estavam acostumados a cantar durante seu trabalho foram assimiladas e apropriadas para o ambiente religioso. Os *spirituals* ou *negro spirituals*² foram músicas criadas pelos escravos africanos que viviam nos Estados Unidos, como expressões da fé religiosa, e contavam sobre a dureza do trabalho escravo ao mesmo tempo em que conjugavam muitos ideais cristãos – e a música foi a forma escolhida para

² O termo spirituals faz referência a Efésios 5:19, em que se pede para que os homens louvem a Deus através de música: "Speaking to yourselves in psalms and hymns and spiritual songs, singing and making melody in your heart to the Lord." .King James Bible Version online. Retirado da internet em 07/09/2013 de <http://www.kingjamesbibleonline.org/>

compartilhar a experiência física, emocional e cotidiana desses homens (SOUTHERN, 1971, p.117).

O movimento *revival* – ou reavivamento -, por sua vez, teve dois momentos distintos nos Estados Unidos. O primeiro deles ocorreu no século XVIII, como uma reação à secularização resultante do Iluminismo, tendo Jonathan Edwards como sua liderança principal. O segundo deles ocorreu no século seguinte, apresentando-se como um movimento de caráter urbano e evangelista, tendo Dwight L. Moody como líder principal.

Nesta segunda fase, foram enfatizadas a necessidade da conversão imediata, a soberania de Deus sobre todas as coisas e a organização da vida em busca da salvação. As reuniões do movimento *revival* eram adensadas por pregações, orações e cânticos, que abriram espaço para manifestações emocionais (muitas delas condenadas pelos líderes religiosos) – e as composições musicais acompanharam o tom popular e emocional destes cultos (VELASQUES FILHO in MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 1990, p.86).

Enquanto os *negro spirituals* se inspiraram mais na hinologia protestante clássica, a música gospel que se criava baseava-se na emoção e espontaneidade do movimento *revival*, apropriando-se das músicas de pergunta-resposta (como se fosse um diálogo entre o pregador e a comunidade religiosa), muito comum nas igrejas negras. Sobre o conteúdo das canções gospel, podemos afirmar que

(...) enfatizava a obediência a Deus e o distanciamento do pecado com vistas à recompensa do Reino dos Céus. O amor a Deus também era celebrado nas canções. O recurso ao canto coral era utilizado mas os cantores-solo também se destacavam. Nas origens, o forte tom religioso do gênero fazia com que os cantores e grupos raramente cantassem em locais não religiosos (CUNHA, 2007, p.28).

Os historiadores identificam três figuras centrais no desenvolvimento da cultura gospel norte-americana. A primeira delas foi obscurecida pelas outras duas, mas também teve grande importância. William Henry Sherwood, compositor de hinos e o primeiro afro-americano a divulgar, em meados de 1890, músicas que tinham como matriz evidente os *negro spirituals*. Quando

o *National Baptist Convention Publishing Board* conheceu seus hinos, o contratou para fazer as modificações em seu hinário. Em suas melodias, harmonia e ritmo compunham as bases daquilo posteriormente seria chamado de gospel (DARDEN, 2004, p.160).

Mais conhecido que Sherwood é o Reverendo Charles Albert Tindley, nascido em Maryland, em 1851. Filho de escravos e autodidata, sua origem rural permitiu seu acesso tanto aos *spirituals* como às músicas dos *camp-meetings*³, tornando-se ministro de várias congregações, especialmente na *Bainbridge Street Methodist Episcopal* (que foi depois renomeada de *Tindley Temple*) (HEILBUT, 1997, p.25).

Apesar dos esforços do movimento de pentecostal/santidade (*Holiness*), em 1920 a maioria dos afro-americanos continuava frequentando igrejas batistas, estando os que frequentavam as igrejas metodistas em um distante segundo lugar (BOYER e YEARWOOD, 1995, p.91). Até Sherwood e Tindley, as igrejas batistas e metodistas geralmente cantavam *spirituals* e canções de *camp meetings* modificadas, com o hinário parecido com o das igrejas brancas. Essas canções sempre continham uma mensagem de salvação, um mesmo padrão de verso, de ritmo e coro (MOORE, 2002, p.68).

As canções desenvolvidas pelo Reverendo Tindley, por sua vez, marcaram um momento em que os versos deixaram de se focar somente na ideia da salvação e passaram a tratar de preocupações específicas dos cristãos afro-americanos, como os sofrimentos mundanos, as bênçãos e aflições, bem como as alegrias da vida após a morte. Também continham uma mudança rítmica que permitia maior improvisação, aproximando tais canções da tradição musical afro-americana (HEILBUT, 1997, p.28). Se Sherwood foi importante por começar a criar canções baseadas nos *spirituals*, Tindley foi o responsável por aproximar tais músicas das necessidades e tradições afro-americanas.

A terceira figura é Thomas Andrew Dorsey, compositor de sucesso que popularmente é considerado o pai da música gospel. Nascido em 1899, na

³ Os *camp meetings* ou reuniões campais são uma forma de serviço religioso protestante comum nos Estados Unidos, em que os missionários viajam para uma área específica, acampam, escutam a - para pregação. Para mais, vide KEMP, Kathryn B. **Make a Joyful Noise! A brief history of gospel music ministry in America**. Chicago: Joyful Noise Press, 2011.

zona rural da Geórgia, Dorsey tornou-se famoso como pianista de blues, escrevendo sua primeira canção gospel apenas em 1921 (*"If I don't get there"*), após ouvir o Reverendo Tindley em uma convenção de músicos na Filadélfia – e, a partir de então, ele começou a voltar seus esforços apenas ao circuito religioso (BOYER e YEARWOOD, 1995, p.97).

Inicialmente, Dorsey encontrou forte rejeição da igreja, pela revolução rítmica que ele propunha. Ele foi um dos principais compositores que a música gospel conheceu e foi o criador da Convenção Nacional de Corais Gospel, em 1932, que existe até os dias de hoje:

I always had rhythm in my bones. I like the solid beat. I like the long moaning, groaning tone. I like the rock. You know they rock and shout in the church. I like it. It's a thing people look for now. Don't let your singing group die, don't let the movement go out of the music. Black music calls for movement! It calls for feeling. Don't let it get away. (DORSEY Apud DARDEN, 2004, p.165).

Se Sherwood foi o iniciador e Tindley o aproximador, Dorsey foi o responsável por divulgar a música gospel para além dos muros das igrejas afro-americanas.

A MÚSICA GOSPEL E A MODERNIZAÇÃO DO PROTESTANTISMO

Com o desenvolvimento da cultura gospel, no início do século XX, uma nova forma de relacionamento entre igreja e sociedade surgiu no sul dos Estados Unidos, dando origem a um novo modo de viver do protestante, que “resulta numa modernização de superfície”, ao que a música respondeu como principal elemento associativo (CUNHA, 2007, p.48). Nota-se certa relativização da ética protestante discutida por Max Weber, que redimensiona “a santidade puritana de repressão do corpo e valoriza a expressão corporal tanto no culto quanto nos espaço de lazer e entretenimento criados para os evangélicos”⁴.

⁴ □ IDEM, p. 57. A autora ressalta que os missionários protestantes estadunidenses, ao instalarem as igrejas no Brasil, rejeitaram inicialmente a cultura popular brasileira, concluindo que o movimento gospel preserva pontos básicos do conservadorismo protestante, como o dualismo entre igreja/mundo e sagrado/profano, o antiecumenismo, o antiintelectualismo e o clericalismo.

A trajetória do desenvolvimento da cultura gospel, especialmente em sua vertente musical, está fortemente imbricada com a história e a memória da cultura afroamericana do Deep South. A longa trajetória de luta e resistência empreendida por esses agentes foi redimensionada em um persistente trabalho de resgate da memória e história de seus antepassados africanos, conjugando esses valores com a religião protestante que proferiam (SOUSA, 2012, p.22).

Mas como a música transformou as relações étnicas nas comunidades religiosas protestantes? Queremos desvendar como e até que ponto a música, com seu apelo rítmico e seus louvores, conseguiu trans as barreiras da segregação socioespacial para instaurar novos modelos e patamares da convivência social nos Estados Unidos, no início do século XX.

The gospel song express theology. Not the theology of the academy or the university, nor formalistic theology or the theology of the seminary, but a theology of experience – the theology of a God Who sends the sunshine and the rain, the theology of a God Who is very much alive and active and Who has not forsaken those Who is very much oppressed and unemployed. It is a theology of imagination – it grew out of the fire shut up the bones, of words painted on the canvas of the mind. Fear is turned to hope in the sanctuaries and storefronts, allows the faithful to see the sunshine of His face – even through their tears. Even the words of an ex-slave trader became a song of liberation and an expression of God’s amazing grace. It is a theology of survival that allows a people to celebrate the ability to continue the journey in spite of the insidious tentacles of racism and oppression and to sing, “It’s another day’s journey, and I’m glad about it!”⁵.

Nesse sentido, pretendemos, por fim, discutir como as relações entre igreja e sociedade foram ressignificadas a partir das manifestações da cultura gospel, especialmente através das apropriações da música, avaliando o impacto desse fenômeno religioso nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos.

A análise dos hinos protestantes produzidos nos Estados Unidos entre 1870 e 1930 se torna um rico objeto para discussão dos novos lugares sociais

⁵ □ Prefácio de William B. McClain ao livro **Songs of Zion**. Apud DARDEN, Robert. Op. Cit. p.159.

e étnicos dos grupos no Deep South, revelando a transformação de seus anseios, de seus desafios diários – relatados nos “diálogos” com o Senhor em cada canção – e suas estratégias de inserção em um universo segregacionista, no qual a escravidão acabara de ser legalmente extinta.

O recorte histórico empreendido se refere aos anos de desenvolvimento e auge da cultura gospel nos Estados Unidos, a partir de um conjunto de manifestações artísticas centradas no movimento, na sonoridade e na emoção. Os hinários protestantes das comunidades religiosas afroamericanas deste período tinham como figura central a imagem de Jesus, escolhido entre as instâncias do divino por ser aquele que conheceu os sofrimentos humanos, foi martirizado e poderia reconhecer as provações pelas quais os afroamericanos haviam passado tanto durante a escravidão quanto com o fim da Guerra Civil (MALONE, 2008, p.96).

As canções religiosas compostas até 1930 tinham como temáticas principais a busca pela liberdade (seja terrena ou em outro mundo) o clamor pela ajuda de Jesus para o enfrentamento das dificuldades diárias e a aclamação de salmos ritmados e dançados, pois as igrejas afroamericanas do movimento Holiness seguiam a premissa de que *quando se dança, se reza duas vezes* (BATASTINI, 2001, p.80).

A proposta desenvolvida nesta pesquisa, sob as lentes da História Cultural, pode auxiliar na construção de uma rede de conhecimentos que ultrapassem o saber histórico, pois que também tenha utilidade nos estudos multidisciplinares que se definam em certos aspectos na busca de relações com a construção do passado, o conhecimento do legado afro-americano nos Estados Unidos, as transformações sofridas pelo protestantismo nesse país e a compreensão de como tais mudanças influenciaram novos olhares para o meio cultural.

Sob o aspecto da História das Religiões, esta pesquisa compreende o protestantismo como um dispositivo de representação cultural de grande força e eficácia, sendo uma das dimensões de representação cultural do mundo do fiel – estando sujeito, dessa forma, a constantes transformações e apenas podendo ser definido dentro de um recorte tempo-especial determinado. Acreditamos que a identidade religiosa é responsável pelo

estabelecimento de parâmetros culturais determinantes para as práticas cotidianas, as relações interpessoais, os lugares, as atitudes, as representações e as definições hierárquicas, o que nos lança ao desejo de desvendar a cultura gospel para tentar revelar as dinâmicas e estratégias de construção da identidade que constituíram os grupos sociais protestantes (SILVA, 2011).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHLSTROM, Sydney E. *Theology in America: The major protestant voices from puritanism to neo-orthodoxy*. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company Inc., 1967.
- BATASTINI, Robert J.; HARRIS, Edward J. (ed.) *African American Heritage Hymnal: 575 hymns, spirituals and gospel songs*. Chicago: GIA Publications, 2001.
- BLUE, Rose; NADEN, Corinne J. *The History of Gospel Music*. East Bridgewater: Chelsea House Publishers, 2001
- BOYER, Horace Clarence; YEARWOOD, Lloyd. *How Sweet the Sound: The Golden Age of Gospel*. Washington: Elliot & Clark Publishing, 1995
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A Explosão Gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium; Editora Mauad, 2007
- CUSIC, Don. *The Sound of Light: A history of Gospel and Christian Music*. Milwaukee: Hal Leonard Corporation, 2002
- DARDEN, Robert. *People Get Ready!: A new History of Gospel Music*. New York; London: Continuum, 2004.
- HACKETT, David. G. (ed.) *Religion and American Culture*. New York; London, Routledge, 2003.
- HEILBUT, Anthony. *The Gospel Sound: Good News and Bad Times*. New York: Limelight Editions, 1997.
- JEFFREY, S.B.(ed.) *The History and origins of Gospel Music*. Baldwin City: Webster, 2011
- KARNAL, Leandro; SILVA, Eliane Moura. *O Ensino Religioso na Escola Pública do Estado de São Paulo*. 01. ed. São Paulo: CENP/SEE-SP, 2003. v. 05

LEONARD, Karen I.; STEPICK, Alex; VASQUEZ, Manuel A., HOLDAWAY, Jennifer. *Immigrant Faiths: Transforming Religious Life in America*. New York: AltaMira Press, 2005.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990

MOORE, Allan (ed.) *The Cambridge Companion to Blues and Gospel Music*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

SILVA, Eliane Moura da. “Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões” in *Revista de C. Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 225-234, jul./dez. 2011

SOUSA, Rafael Lopes de. *O movimento hip-hop: A anti-cordialidade da “República dos Manos” e a estética da violência*. São Paulo: Annablume, 2012.

SOUTHERN, Ellen. (ed.). *Readings in Black American Music*. New York: W. W. Norton & Company, 1971